QUIXERAMOBIM E A SUA VIDA RELIGIOSA

ANDRADE FURTADO

O passado de um povo marca a sua posição para sempre na História... Essa cidade, nascida entre as matas verdejantes das margens de belo rio, numa planície onde, ao longe, se recortam as cumeadas altaneiras da Serra de Santa Maria, e, bem próximo à abertura do Boqueirão, por onde as águas vazam, no seu extenso curso, em direção ao mar, essa cidade de clima tão saudável e de habitantes generosos, foi o centro de um agrupamento cristão, que honra e enaltece o patrimônio da Nacionalidade.

Quando se comemora a data, ocorrida em 15 de novembro do corrente ano de 1955, do segundo centenário da criação da Paróquia, na transcendência de uma festa da mais alta significação religiosa e patriótica, reuniram-se os filhos de tão fecunda terra, agradecendo a Deus os benefícios de dois séculos de trabalho e de progresso para dignificação do Brasil. As origens da urbe sertaneja fluem, como se vê, de uma era remota, tudo se tendo feito à custa de labor intenso e meritório, que gerações e gerações, perseverantemente, despenderam, para conquista de um lugar ao sol, capaz de perpetuar as impertérritas virtudes da raça.

Lá, realmente, se encontram os troncos de famílias de assinalada linhagem cívica. Os grandes movimentos políticos e sociais tiveram eco

nessas paragens, onde ainda repercutem os estrépitos de lutas passadas, em prol da emancipação e da liberdade.

O escritor de maior ressonância na literatura brasileira, José de Alencar, refere-se, em nota memorável, à região onde se aldearam os primeiros colonos lusitanos que aqui chegaram... O índio Batuirité, alquebrado e trôpego, a quem as cataratas da velhice haviam apagado a luz dos olhos, quís terminar os dias da sua cansada existência no recanto feliz onde nascera...

Conduzido do litoral pela mão de tenro rebento da sua tribo, depois de muito andar, sentiu o rumor das águas borbulhando nas cachoeiras, o cheiro agreste do mofumbo, o pio dos gaviões selvagens e, cheio de enternecidas reminiscências da juventude, exclamou: — *Quixera-mobim!* — Ai! meus tempos de outrora!

A mocidade lhe transcorrera, nesses largos campos, em meio de lances audazes e de aventuras temerárias. Legara aos descendentes uma herança de valentia, que os anos alquebraram e, agora, rebentava em lágrimas de viva emoção.

Essa fidelidade ao amor da terra é bem o traço dominante dos que ali viram a luz e, tangidos pelos desígnios da Providência, se dispersaram pelo mundo em fora. É que lá palpita o coração do Ceará, requeimado pelo sol dos trópicos e batido pelos vendavais da adversidade — forja de uma têmpera inquebrantável na peleja contra os elementos.

* * *

A sociedade que emergiu da genealogia mesclada do branco, do índio e do africano humanizou o solo bárbaro e inspirou a fôrça dos empreendimentos destemerosos para as ásperas jornadas do Porvir.

O entrelaçamento das resistências físicas e das ascensões das almas gerou êsse prodigioso alento de esperança, que fêz o destino de uma cristandade, no meio das florestas virgens, em condições hostis, manter-se alcandorado e consciente das suas responsabilidades, diante do consenso unânime da Pátria.

Clareiras se foram abrindo no extenso território e paróquias florescentes, em tôrno de plácidas ermidas, transformadas em majestosos templos, surgiram sob as bênçãos da Igreja-Matriz, ponto de partida da prosperidade de tão vasta região. Quixadá, Senador Pompeu, Mombaça, Boa Viagem, Pedra Branca, Solonópole, Piquet Carneiro, Madalena, Choró, Socorro, desprenderam-se do núcleo geratriz da possante aglomeração de comunas que hoje constelam o Mapa dessa fértil e operosa latitude nordestina.

Há motivo de orgulho para os que lavraram o chão, segundo a lin-

guagem eterna do Evangelho, regando-o com o suor e as lágrimas, e colheram a messe abundante, cantando a alegria da sua felicidade.

Nos santuários levantados com verdadeiro espírito de fé, foram os habitantes dessas plagas dispersas render o culto de gratidão e de piedade, num doce e místico enlêvo, reconhecendo a proteção da Providência, no êxito dos seus empreendimentos denodados. O heroísmo incomparável e desmedido dos nossos avoengos foi uma escola de robustecimento moral da fibra varonil dessa forte e brava gente.

Ainda agora, experimentamos espontâneo sentimento de veneração, ante a tenacidade inflexível dos que recomeçaram, após periódicas catástrofes climáticas, a constituição da sua economia, agindo com intrepidez e perseverança, em cada emprêsa restauradora dos destroços das sêcas.

O desalento ou a falta de ânimo não imobilizaram, diante dos horrores da calamidade, o lutador inexpugnável, confiante no poder da misericórdia divina.

Chamam os sociólogos esta qualidade surpreendente do homem que ali nasceu, a adaptação psicológica ao ambiente em que atua. Mas temos de lealmente reconhecer que paira sôbre a sua missão civilizadora o patrocínio da bondade infinita de um Deus, que não se deixa jamais vencer em generosidade e amor.

É isto o que sente, no íntimo do peito, o cidadão que, cercado de tantas hostilidades do meio e do tempo, vence as renhidas batalhas, em prol do desenvolvimento do cenário magnífico em que labuta!

* * *

O segrêdo desta formação histórica memorável, dentro do "habitat" sertanejo, podemos descobrir na participação constante de gerações sucessivas, num trabalho de congraçamento de tôdas as reservas disponíveis em bem da comunidade regional.

Cessam as desavenças, extinguem-se os desentendimentos, quebram-se as arestas de tricas naturais, quando se trata de um esfôrço benemérito para elevar o nível moral ou promover a valorização dos recursos invocados.

Esta homogeneidade edificante dos fatores, que determinam o desenvolvimento crescente de tão querida parcela do "hinterland" cearense, manifesta-se, sob a liderança imprescindível da Igreja, através de dois séculos de ininterrupta evolução social.

A realidade aí está, dignificando as idéias e os empreendimentos

que transmudaram o meio agreste e áspero da época distante de uma catequese colonial, onerosa e difícil, na amenidade de acolhedora convivência humana, refúgio dos forasteiros advindos, em busca de restauração da saúde e de repouso do espírito.

Os fundadores da Paróquia tiveram, de início, a inspiração de confiar o patrocínio da cidade a ínclito Doutor da Igreja, ligado pelo sangue e pela cultura, ao gênio da Nacionalidade.

O orago da terra, Santo Antônio de Lisboa, foi prodígio de virtude, de saber, de atividade apostólica. Pregou com a palavra luminosa e convenceu com o exemplo de unção e de ternura incomparáveis...

Á sua alma, enriquecida de comunicativa piedade, afirmada em prodígios maravilhosos, foi confiada a proteção de um povo, que bem sabe avaliar os méritos dêsse taumaturgo de tão preclara eminência, como guarda dos seus tesouros sobrenaturais.

A sua claríssima inteligência, o seu verbo fascinador, a lição imperecível dos atos heróicos da sua vida, dêle fizeram o advogado mais popular dos fiéis, em todo o grande Mundo Latino.

A êle coube, por disposição da munificência sem limites de Nosso Senhor, o patrocínio dessa freguesia, que tanto se honra de vê-lo, no altar da Igreja-Mãe, abençoando, no curso dos dias, que se contam por séculos, o desfile das turbas que dobram os joelhos diante da sua venerada imagem.

Nestes duzentos anos decorridos, conquistou, cada vez mais, o prestígio e a fama irradiantes, na gratidão dos que receberam favores inauditos das suas mãos, cheias de lírios, símbolo da inocência, da candura e pureza da sua alma, cercada dos esplendores da bem-aventurança.

* * *

Para as nossas invioláveis convicções religiosas, a devoção ao glorioso Santo Antônio, protetor daquela cidade, é uma tradição abençoada, que enche de enlêvo, de gentileza e confiança o coração da família conterrânea.

Disse alguém que é quase uma imortalidade a dos mortos que os vivos continuam...

Realmente, nunca se extinguiu, na jornada em direção à Eternidade, o sentimento de afeto e de gratidão para com êsse peregrino-apóstolo, tão jovial e cativante, que, deixando a terra do seu berço, para entregar-se ao ministério de santificação das almas, se tornou um

santo de todo o Universo, no conceito lapidar do grande Pontífice Leão XIII.

Conforme explica, em verso clássico, o poeta lusitano, com o ter Santo Antônio deixado o Tejo, empreendendo a jornada do Mediterrâneo, quís Deus tornar maior o seu dedicado servo:

"Por mil e mil grandezas, em mil partes,
Soando vai a nobre e grã Lisboa,
Em armas tanto, quanto em boas artes,
Em pureza de fé muito mais soa...
Mas o que mais realça as suas partes
E lhe concede a palma e dá coroa
Sôbre tantas no Mundo a Fama canta,
— É ser jardim onde nasceu tal planta".

* * *

Quixeramobim também se ufana de haver partilhado da glória do destemido cavaleiro andante da divina graça... A querida paróquia, no recesso do Nordeste, neste País da Vera Cruz, vem permanentemente compartindo, na Mansão Celestial, da vida beatífica do extraordinário minorita, que um apologista chamou — depósito da ciência contida nas Escrituras... Bem maior ainda que a sua sabedoria é, sem dúvida alguma, a excelsitude da sua profunda piedade.

O seu culto, abrangendo o Globo, de um a outro extremo, continua a ganhar para a Religião, para a Igreja, para o Céu, uma infinidade de almas levadas para o caminho da perfeição pelo dominador atrativo da sua simpatia.

Êsse despertar para a luz de tantos que se enfeitiçam da beleza da sua vida, tão breve quanto admirável, constitui o valor de um ministério excelso, que se tem envolvido na aura da maior popularidade e do melhor prestígio.

Quem pode, em verdade, imaginar a extensão sem limites do bem, transfundido nos espíritos, pelo ardor votivo, dessa fiel e magnânima parcela da família patrícia, no afortunado Padroeiro, a quem se deve a seiva cristã, genuína e autêntica, de uma devoção tão cheia de pujança e de esplendor!

* * *

Disse, há pouco, emérito pensador da culta e velha Europa, que a potência de uma coletividade reside única e tão sòmente nos corações e na inteligência dos seus homens...

Eis uma sentença incontrastável, reveladora do manancial de bênçãos, que é a floração de beatitude e de benemerência do pontificado, duas vêzes secular, do Catolicismo, naquela boa terra.

Os três últimos vigários falecidos, a quem a Hierarquia da Igreja confiou a direção da vida cristã da paróquia, revestida de galas para comemorar dois séculos de existência, comprovam eloqüentemente a exatidão da afirmativa citada.

O padre dr. Antônio Elias Saraiva Leão, meu tio avô, pelo lado materno, e meu padrinho de batismo, a quem rendo respeitosa homenagem de aprêço e veneração, nasceu, em 8 de dezembro de 1808. Eram seus pais Luís de Brito Lira, filho de Cosme Leitão e de d. Laura Távora, naturais de Pernambuco, e cujos progenitores foram, segundo informações do historiador eminente, Barão de Studart, vítimas do despotismo rancoroso do Marquês de Pombal — e de d. Júlia de Santana Maria da Encarnação, filha do tenente-coronel de milícias Antônio Saraiva Leão, opulento fazendeiro em seu tempo.

Recebeu as ordens sacras em 1836, obtendo depois a láurea de bacharel em Direito pela Academia de Olinda em 1842. Eleito deputado em duas legislaturas, nunca arredou pé do meio humilde em que viveu.

Ainda na afirmação do maior conhecedor da História do Ceará, era um homem de sentimentos nobres e filantrópicos. No período da grande calamidade de 1877 e 1879, salientou-se pela caridade, na assistência aos flagelados.

Possuía bons livros de Ciência e de Religião, tendo-se dedicado, como o célebre Padre Ibiapina, à advocacia, no fôro da comarca, onde depois exerceu as funções paroquiais.

Em face de setença que julgou injusta e ilegal, contra um cliente seu, fez protesto de se retirar definitivamente das lides forenses, jamais quebrando êsse compromisso. Morreu na fazenda Mont'Alverne, à margem do Banabuiú, onde celebrava em seu oratório, passando o tempo recolhido na meditação e no estudo. Deixou uma memória inapagável nos fastos da comunidade, a que serviu com a abnegação e o sacrifício de um benfeitor do povo.

Foi um padre de apostolado recôndito, fugindo das honras da terra, tendo preferido a um pôsto de relêvo, na sede do Bispado, a solidão da Barra do Sitiá, onde modestamente viveu para os livros e para os pobres.

* * *

Substituiu o padre dr. Antônio Elias Saraiva Leão, no paroquiato de Quixeramobim, Monsenhor Salviano Pinto Brandão, exemplo de aus-

teridade e de sabedoria, de mortificação e de desprendimento, figura de asceta a lembrar um monge medieval, um cenobita iluminado, como tantos a Igreja tem produzido para edificação da Humanidade.

Jungido ao dever, foi sacerdote modelar, recolhido ao presbitério, isolado do mundo, dentro da cela do que poderíamos chamar o seu silencioso mosteiro paroquial... Dedicou-se ao serviço de Deus e ao bem das almas, como lâmpada acesa, a iluminar e a aquecer, até se extinguir, afinal... Grande vulto que bem merece apologia inesquecível nos anais da nossa Fé!

Seguiu os seus passos, na trilha do ministério apostólico, o cônego dr. Aureliano Mota, formado no centro de maior projeção da cultura latina, na ínclita Universidade Gregoriana de Roma.

Orador insigne, a sua palavra elegante e fascinadora encheu de enlêvo e de arrebatamento quantos tiveram a fortuna de ouví-lo, do púlpito sagrado, exortar as consciências ao cumprimento das normas do Evangelho.

Ante a sua mágica influência, as organizações religiosas assumiram a feição dinâmica moderna, com que os líderes católicos, em nossos dias, mobilizam as massas para as largas conquistas da Verdade e do **Bem.**

A visão de uma ortodoxia integral, na doutrina e na prática, atraiu os homens para os movimentos de ampliação da atividade espiritual ambiente.

Ainda repercutem, na lembrança dos seus paroquianos, que por êle tiveram tão profundo respeito, os sinais da sua predestinada capacidade de comando, na febre de renovamento das almas segundo as necessidades da época.

Avulta em nossa memória a sua majestade sacerdotal, dirigindo o rebanho com a tática e a técnica de um hábil psicólogo social.

* * *

A formidável fôrça de determinação do cônego dr. Aureliano Mota, aliada a suave e esclarecida disciplina, ditada pela virtude da prudência, foi o segrêdo do êxito com que levou a bom têrmo a execução do programa de tudo instaurar em Cristo.

Singularizou-se pelo talento e pela ação no proveito dos mais altos interêsses da vida sobrenatural.

Homem consagrado à Igreja, viveu para ela, recebendo da sua intensa vida interior a substância de tudo o que empreendia, em prol da magistratura apostólica.

Os virtuosos e incansáveis continuadores dos três valorosos chefes espirituais da grei eleita, naquela terra de fé intrépida, os vigários modelares, padre dr. Antônio Elias Saraiva Leão, monsenhor Salviano Pinto Brandão e cônego dr. Aureliano Mota, que, agora, da Mansão Altíssima, contemplam a seara lourejante, santificada pelas fadigas quotidianas, que êles bem sabem quanto custam, terão inefável regozijo, ante a realidade de um patrimônio, em que colaboraram com tão subido merecimento.

Êsse padrão de glória aí está, como monumento imperecível, testemunhando, através dos tempos, a perene vitalidade da Igreja, farol universal da Civilização, a projetar, sejam quais forem as circunstâncias, a beleza, a magnitude e a dignidade da sua missão redentora do gênero humano.

Diante de nós desfilam, no curso de dois séculos, desde o Carmelita Frei Manuel de Jesus Maria que, por provisão de Dom Francisco Xavier Aranha, Bispo de Olinda, instalou a Paróquia, tendo como primeiro vigário o sacerdote João Pais Maciel de Carvalho, até o revmo. Padre Raimundo Nonato Camelo, que congregou o seu querido rebanho para bendizer a felicidade do grande dia do bi-centenário da Paróquia de Quixeramobim!

Êste é, em verdade — bem o sentimos — um instante inauferível de expansões gratulatórias, em que evocamos um passado luminoso, à altura dos mais nobres predicamentos, que exaltam a Nacionalidade!